



POSSESSÕES PORTUGUEZAS — LOANDA.

QUANDO se falla em possessões portuguezas supõe-se logo ruina e miseria. Não é porém felizmente acertado este juizo se se refere á donosa capital dos nossos vastos dominios na Africa occidental.

E de feito, a cidade de S. Paulo de Assumpção de Loanda é uma povoação grande, bem edificada em geral, agradável, e se não está elevada ao grau de prosperidade de que é susceptivel, como entreposto e emporio do commercio dos feracissimos sertões africanos, não só não se acha n'uma situação decadente, mas até pode affiançar-se que é hoje muito mais opulenta e importante do que nos dourados tempos do nefando trafico da escravatura, perdendo com a declinação d'este o character de *acampamento*, que a distinguia, segundo a energica expressão de um nosso elegantissimo escriptor e mui sabedor das cousas de Africa (1).

A cidade de S. Paulo de Loanda, situada na costa maritima, em 8° 48' de latitude S. e 22° e 10' de longitude E. de Lisboa, foi fundada no anno de 1576 pelo famoso conquistador Paulo Dias

de Novaes. Divide-se em alta e baixa; a cidade baixa estende-se de leste a oeste desde a ponta da *Isabel*, onde o governador Luiz da Motta Fêo mandou edificar um passeio publico, até ao sopé do morro de *S. Miguel*, dominado pela fortaleza d'este nome.

Da cidade baixa partem diversas ruas, bem calçadas e alinhadas, que communicam com a alta onde se encontram os melhores edificios, tanto publicos, como particulares.

Entre os primeiros contam se como mais importantes na cidade de Loanda os seguintes:

A casa da alfandega, com excellentes acomodações e armazens para deposito de mercadorias, um bom caes e ponte, na extremidade da qual foi ultimamente collocado um optimo guindaste de ferro, para commodidade e beneficio do commercio.

O trem nacional, em que se acham as officinas proprias para o fornecimento do exercito e marinha, mandado construir pelo intelligente e infatigavel governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho em 1790.

A fortaleza de S. Francisco do Penedo, obra magnifica do mesmo governador.

(1) O sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos.

O antigo collegio dos jesuitas, parte do qual serve de residencia do reverendo bispo, e em que o governo mandou estabelecer um seminario, de que se espera grande proveito, bem como de outras providencias tomadas recentemente, e todas encaminhadas ao bem espiritual da diocese de Angola.

A igreja de Nossa Senhora dos Remedios, que serve de sé cathedral.

O palacio dos governadores, vasto e magestoso, a casa da junta da fazenda, o quartel do regimento de infantaria de linha, etc. etc.

O cemiterio publico foi edificado no alto das Cruzes, e junto d'elle se vê um terreno cedido aos inglezes para enterramento dos subditos britannicos.

Vinha agora a pello tratar da salubridade d'esta povoação. A opinião mais geral é-lhe desfavoravel, alcunhando de mortifero o seu clima. Isto porém é inexacto; sem que possa dizer-se mui saudavel, está Loanda bem longe de dever apontar-se como uma terra maldita, só propria para degradados.

Os depositos de negros que existiam sempre dentro da cidade, em quanto o commercio da escravatura era legal, constituiam em certas epochas do anno verdadeiros focos de infecção; taes depositos não os ha hoje. E o seu desaparecimento, coincidindo com os melhoramentos effectuados na cidade pela solitudine da camara municipal, influe do modo mais vantajoso no seu estado sanitario, sendo ali o movimento dos hospitaes inferior ao de alguns de povoações européas collocadas em melhores condições.

O porto de Loanda é seguro e abrigado para n'elle ancorarem navios de todos os portes, e fica entre a terra firme e a ilha de Loanda, a meia milha de distancia. É defendido pelas fortalezas da Conceição, S. Pedro da Barra, Penedo e S. Miguel, guarnecidas de 118 bocas de fogo.

A policia é feita com toda a regularidade por uma companhia de segurança publica composta de 82 praças. Para acudir aos incendios ha outra companhia de 27 negros libertos.

A população da provincia sobe a 500:000 habitantes, e a da capital a 14:333, distribuidos por 6:334 fogos, em 10 praças, 13 ruas, 26 travessas, 2 largos, 12 beccos, 9 calçadas, nas quaes ha 173 casas de sobrado, 291 terreas, e 2:683 cubatas.

Para se avaliar a importancia do commercio de Loanda, alias ainda infinitamente inferior ao que pode ser, bastará dizer que o seu movimento é avaliado em 1.600:000\$000 réis annualmente.

Tal é quanto em poucas linhas pode dizer-se da capital dos dominios portuguezes na Africa occidental, chamados pela sua fertilidade e pela riqueza dos seus productos ao mais brilhante futuro, se abandonando o nosso antigo systema de inercia, quizermos de uma vez levar os beneficios da civilisação ás regiões que nos legaram nossos antepassados.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

VALENDOME, pela quasi completa insufficiencia dos meus conhecimentos em geologia, para dar uma idéa do aggregado de pedras que formam o solo em roda de Lisboa, da descripção que d'elle fez o sr. Henrique Frederico Linck na sua obra intitulada: "Journey trough Portugal," sentindo não ter visto outras, que sobre o mesmo assumpto têm apparecido, direi que aquelle chão é feito de basalto, e de outras sortes de pedra calcarea; e que, pre-

sentando-se esta n'alguns sitios á flor da terra, branquissima, pouco porosa, e boa para a architectura, mas, por mui fragil, impropria para a estatuaria; encontrando-se, sob outras camadas, em varias barreiras das duas margens do Tejo, uma especie distincta formando um só petrificação, o basalto começa junto ao mar, e segue por Queluz a Bellas, d'onde unido ao que em monticulos acompanha o aqueducto da Agua-Livre (1), d'ali se estende a logares coberto de outra pedra calcarea, até á Cabeça de Montachique. Notando o sr. Linck, que em Portugal só se acha aquelle marmore negro em Lisboa e seus arredores, e no cabo de S. Vicente, que foram as partes onde o grande terremoto do 1.º de novembro de 1755 se fez sentir com mais força, o que abona a opinião dos que pensam que aquelle marmore, encerrando grandes camadas de carvão, dá alimento aos fogos subterraneos que occasionam aquelles fenomenos e os volcões, não pareceu menos digno de reparo áquelle viajante que o famoso tremor de terra a que alludi não fizesse tanta impressão em Bellas, situada na linha do basalto, como n'alguns bairros de Lisboa, fundados sobre outra qualidade de pedra calcarea; podendo ser que elle, em tempos mui remotos, fosse aqui impellido para cima por effeito de alguma semelhante concussão; e que os abalos que n'esta capital por vezes tem havido sejam causados pelos esforços que a natureza faz quando sobrevem aquelles impulsos: sendo esta uma das muitas hypotheses que se tem feito para mais facilmente poder explical-os, e que ainda carecem de prova. Fallando o mesmo observador particularmente do solo de Bellas e suas visinhanças diz que se encontra ali, afora do basalto e de outras pedras calcareas, terra arenosa, e que d'ella vêem diversas fontes de agua mineral, que n'esses sitios viu, e que lhe pareceu vitriolada e contendo pouco oxygenio. No Estoril, logar pouco distante de Cascaes, rebentam tres olhos de aguas thiermaes, de que em certas molestias se tem tirado mui grande proveito.

Dos rios que em tres veias banham Queluz e suas visinhanças, tomando successivamente os nomes das terras d'onde brotam, por onde passam, e onde se lançam no Tejo, tem, por sua celebridade e pelo grande beneficio que faz á metropole, a primazia o da Agua-Livre, assim chamado porque d'antes corria todo n'um só alveo para o povo, facilitando-lhe o poder regar os seus pomares, e fazer trabalhar suas azenhas ainda mesmo no ardor da canicula. Borbulham estas aguas n'uma bacia circular, e sob uma abobada, nas fraldas de um outeiro declive, e, bem que aravel, inculto, que, entre aridos e fragosos montes de basalto e de outras pedras calcareas, se ergue, e fecha para a banda do norte o valle, tambem nú de plantas, e que, elevando-se gradualmente, deixa ver nos campos e collinas que d'ali se vão avistando de ambos os lados quanto pode, com ajuda de alguma industria, produzir um terreno secundo debaixo de um céu creador. Pertencia ha cinco séculos este chão a um *Johão*, ou *Johom* Pires (2) que o vendeu

(1) É assim, no singular, e não no plural, como vulgarmente se usa, que este nome deve ser pronunciado e escripto: e, n'um fragmento das antigas Inquirições, que se conserva no Real Archivo da Torre do Tombo, gav. 1.ª, maç. 2.º, n.º 18, que parece ser do anno de 1220, recenseando-se os bens que a ordem de S. João de Jerusalem possuia em Lisboa, Cintra, Torres-Vedras, e seus termos, se nomea, entre elles, *uma boa granja in Aqui libera* (sic). Veja-se a «Nova Malta Portugueza», part. 1.ª, § 91.

(2) A escriptura original d'esta venda foi-me

aos conegos regantes de Santo Agostinho do mosteiro de S. Vicente de Fora, d'onde, por outra transacção, passou para a ordem de S. João de Jerusalem, vindo depois, como pertença de uma das commendas inherentes ao priorado do Crato, que andava annexo á, hoje extincta, casa do infantado, a incorporar-se nos bens nacionaes (1).

Se os restos, existentes no cimo do outeiro ainda chamado da *Quintam* proximo ao monte de Mira ou do *Emir*, de uma casa de campo acastellada pelo estylo mourisco, a que a gente da terra dá o nome de *Palacio do Rei Mouro*, são evidentes signaes de ter ali habitado uma grande personagem d'aquella nação, não sei como, com os seus olhos de entendimento, o nosso eximio artista Francisco de Olanda (2), pudesse ver um receptaculo, e um começo de cano, feitos pelos romanos, para recolher e levar a Lisboa a corrente da Agua-Livre, em duas antiguidades tão contraindicantes d'aquelle intento como são um muro que acima das nascentes, e em frente das ruinas, de que fallei, atravessa a ladeira, e, tocando pelos topos duas rochas, tem visos de represa de aguas, que d'ellas escoassem, para formar um lago, e um pedaço de via subterranea, e talvez estrategica da mesma era, com direcção, não a Lisboa, mas a Cintra: o que prova que o modo ou moda de ver ou dizer que se viu o que não é, nem pode ser, é um fado ou sestro mui antigo dos historiadores nacionaes e estrangeiros da nossa terra. El-rei D. Manuel lembrou-se de fazer conduzir a Agua-Livre a Lisboa onde queria que corresse n'um grandioso chafariz, que no tempo do sr. D. João III se fez, pelo desenho que deu Francisco de Olanda, no Rocio, hoje praça de D. Pedro, onde depois se construiu outra obra do mesmo genero com a estatua de Apollo, e parallela á que com a figura de Neptuno havia no Terreiro do Paço, allegorisando-se n'aquelle desenho, Lisboa, como Senhora do Oriente, cercada de quatro elefantes lançando agua pelas trombas, como se vê no esboço que contém o já citado manuscripto do referido artista. Tambem o nosso sabio e patriótico infante D. Luiz trabalhou para que se fizesse transportar aquella corrente para a Ribeira das Naus, em ordem a que as de India d'ella fizessem as suas aguadas; e dizem Luiz Marinho de Azevedo na sua obra intitulada «Fundação, Antiguidades e Grandezas de Lisboa,» e o padre João Baptista de Castro no seu «Mappa de Portugal,» que o senado da camara de Lisboa tinha, no reinado do sr. D. Sebastião, juntos, para fazer as despezas d'esta obra, seiscentos mil cruzados, que se gastaram nas festas que se fizeram pela entrada de Philippe III n'esta côrte, fastidiosamente descriptas por João Baptista Lavanha, pelo padre Affonso Guerreiro, e por Francisco Rodrigues Lobo. Se aquelle rei, a quem só o ministro que o fez pequeno chamou grande, se puzesse em leilão, duvido de que, mesmo entre os seus hespanhoes, houvesse alguém que lançasse para arrematal-o um unico cruzado. Estava reservado para o reinado opulento, e, a muitos respeito, produtor de acções reaes do sr. D. João V o fazer esta obra.

Decretando-se e principiando-se a fazer, sob a di-

recção do brigadeiro Manuel da Maia, mestre de mathematica dos principes, este encanamento (que começou a servir em 6 de agosto de 1732, e não de 1738, como por engano se diz na «Bibliotheca Familiar e Recreativa») com o intento de transportar unicamente o manancial da chamada *Mãe d'Agua Velha*, de que acabo de fazer menção, e que bastou para prover tres grandes chafarizes de Lisboa; introduziram n'elle, ainda em vida do fundador, a rica nascente da denominada *Fonte Santa do Leão*, mettendo-se depois no mesmo aqueducto, durante os reinados do sr. D. José e da sr.^a D. Maria I, uma grande porção de agua proveniente das nascentes ditas de *D. Maria*, do *Brutó*, e de *Caneças*; e, já em tempo do sr. D. João VI, outras muitas e mui abundantes fontes que junto áquelle soberbo cano artificial se foram successivamente descobrindo.

Começou esta obra sómente com o fim de aproveitar o rico e excellente manancial, chamado antes da *Quintam*, e hoje a *Mãe d'Agua Velha*, que era o unico que então se conhecia, e que passou a ser recolhido n'uma bacia, em forma circular, de sete palmos de diametro, e de boa cantaria, collocada no meio de uma bella rotonda, aclarada por uma bem fabricada clara-boia, e guarnecida de dous assentos de pedra. Quando no estio de 1840 ali fui em companhia de dous amigos (3), não pude sondar a profundidade d'esta fonte, que por si só bastou para prover tres dos principaes chafarizes de Lisboa oriental, por conter varias camadas de cascalho que evitam que a agua passe a arcada do tanque para o aqueducto, que ali começa, e recebe tambem desde o tempo do rei fundador o mui abundante manancial da *Fonte Santa do Leão*, que fica mil e outocentos palmos distante. Achando-se nos reinados do senhor D. José e da senhora D. Maria I mais seis nascentes nos logares de *D. Maria*, *Brutó* e *Caneças*, foram logo diligente e intelligentemente encaminhadas e recolhidas a uma segunda rotonda, não menos vasta e bem fabricada que a primeira, e sita n'um terreno mais elevado, o que faz que as aguas que saem d'esta denominada *Mãe d'Agua Nova* vão por um cano inclinado cair com murmurio no aqueducto em um sitio que por isso tem o nome de *Quêda d'Agua*. Continúa aquelle magestoso encanamento ao lado do antigo leito de toda a corrente da Agua Livre até dar de rosto com a ponte de Carenque, e tomando ahi pelo lado esquerdo para a Porcalhota, afim de receber os subsidios que lhe dão as terras denominadas dos *Gallegos* junto ao *Casal do Castello*, e a fonte de *S. Braz*, atravessa depois por baixo da estrada para a parte da ermida da quinta do Galvão, e d'aqui se inclina a buscar a raiz do logar da *Fragosa*, e segue até ao da *Buraca*, onde a munificencia do senhor D. João VI lhe vinculou, em 1825, mediante um longo e excelente cano, o rico manancial descoberto junto á quinta de *Salrego*, como se lê n'uma lapide que está n'aquelle sitio (4). Do logar da *Buraca* vae o aqueducto á alegre aldêa de Calhariz, onde termina a alta serra de *Monsanto*, e prolongando-se de frente do antigo e historico convento de S. Domingos de Bemfica, tão gentilmente debuxado por uma

mostrada pelo meu saudoso amigo o sr. Ernesto Biester, proprietario de um predio vizinho que herdou de sua tia a sr.^a D. Anna Luiza Verdier de Lussan.

(1) Veja-se a «Nova Malta Portugueza.»

(2) Veja-se a memoria manuscripta d'este artista, intitulada «Fabrica que fallece á cidade de Lisboa,» doada pelo sr. marquez de Borba á nossa Academia Real das Sciencias.

(3) Os srs. José Jorge Loureiro e Ernesto Biester.

(4) As inscripções que se lêem n'outras partes do aqueducto não são as primitivas, mas as que, em melhor latim, se fizeram no reinado do senhor D. José; tendo-se posto nas primeiras a data de 1748 e nas segundas a de 1738, o que denota ter havido engano nas ultimas.

das nossas melhores pennas do genero descriptivo, e tão cheio de recordações saudosas (1), e de cinzas illustres, avança até ao monte das *Tres Cruzes*; e sobranceiro a *Campolide*, ou *Campo da lide* de portuguezes com hespanhoes, e ao pequeno rio, em cuja ponte se disputou a invasão de *Filippe II*, offerece o gigantesco aqueducto, atravessando o valle por onde mansamente corre aquelle ribeiro, o bello e magnifico aspecto de trinta e seis soberbos arcos de pedra, quatorze dos quaes são de forma gothica ou pontaguda, e os outros semicirculares, occupando todos o espaço de dous mil outocentos e cincoenta e sete pés: tendo o maior, e por tantas vezes funesto, d'aquelles arcos, no sitio do *Carvolhão*, que jaz na maior profundez d'aquelle valle, cem pés e tres pollegadas entre as duas pilastras da sua base, duzentos e quatorze pés de altura até ao parapeito, e vinte e quatro pés e quatro pollegadas de largura (2).

Tem o aqueducto interiormente a forma de um immenso corredor, ou mina artificial, de sete palmos de largura, e quatorze de altura, proporções a que não chegou algum dos aqueductos romanos; praticando-se pelo meio d'elle um passeio de tres palmos de vão primorosamente lageado, e a cada lado um encanamento de marmore que recebe quarenta e duas manilhas de agua em palmo e meio de bôca e palmo e quarto de alto. Os canos são cobertos de abobada, que de espaço em espaço têm claras-boias e portas assim de se poder ali fazer a limpeza e os concertos necessarios. Uma das singularidades d'este aqueducto é vir n'elle correndo a agua horisontalmente, sem o menor declive, proporcionando-se sómente, de distancia em distancia, os meios de a fazer cair por effeito de linhas perpendiculares em forma de degraus que indicam quanto sobe ou desce.

O senhor D. Pedro, duque de Bragança, e regente em nome da rainha, concluiu a obra do sumptuoso receptaculo das Amoreiras, d'onde as aguas por varios encanamentos se repartem pelos chafarizes, estabelecimentos publicos, e muitas casas e jardins particulares em todos os differentes bairros, conservando-se sempre n'aquelle vasto deposito a quantidade sufficiente para por tres mezes abastecer a capital, caso aconteça, como em 1833, ficar interrompida a conducção d'aquellas aguas.

(1) Les loix ont prononcé: tous ces reduits austères
Out depouillé leur deuil, leurs chaines, leurs mystères;
Mais quoique leurs parvis, leurs autels soient déserts
Au cœur melancolique ils restent toujours chers.
LEGOUVE'.

(2) No 3.º volume das Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa acha-se a primeira analyse das aguas do aqueducto chamado das Aguas Livres, feita em 1791 por Domingos Vandelli, que áquelle trabalho juntou varias observações muito importantes relativas ao referido aqueducto, não sendo menos dignas de attenção as que fez tambem o padre Estevão Cabral, outro eximio academico, e se acham igualmente consignadas no sobredito volume, ácerca d'aquelle importantissimo objecto de utilidade publica d'este municipio.

Já depois de mandar para a prensa a 1.ª parte d'este artigo tive, pela obsequiosa intervenção do sr. conde de Linhares, que está em dia com tudo o que toca a sciencias naturaes e physico-mathematicas, em que é mui versado, conhecimento de duas interessantes memorias compostas uma por Sir Roderick Impey Murchison, e outra por mr. Daniel Sharpe, contendo muitas e mui curiosas noticias geologicas dos contornos de Lisboa, tanto mais am-

Esta portentosa fabrica, tão admirada dos nacionaes, como dos estrangeiros, e que no sentir do architecto inglez Murphy, é um dos melhores monumentos da architectura moderna, que não cede em cousa alguma aos d'este genero, que nos deixaram os antigos, tem todavia, como observa este mesmo escriptor, algumas imperfeições que ferem a vista e se oppõem aos preceitos architectonicos. Nota elle, que as dimensões de alguns dos vinte e seis arcos, não têm entre si, conforme as regras da stéréotomia, uma diminuição em progressão geometrica. O outro defeito marcado pelo referido viajante consiste na differente forma, por que o architecto, que fez a planta do aqueducto, encurvou os quatorze principaes arcos d'elle, tendo uns, (como já dissemos) a forma gothica, on pontaguda, e outros a semicircular; talvez pelo receio de que encurvando todos d'esta maneira, ficassem nimiamente largos, por ser então mister fazel-os mais pezados, que os pontagudos, para se conservar o equilibrio.

Antes de se fazer esta obra seguia o rio da Agua Livre o seu curso pelo leito, a que servem de cortinado mui bellas arvores silvestres, e por onde hoje corre o arroio formado da superabundancia de agua, que no inverno se despeja do aqueducto, e da que depois de repassados, expulsam os montes visinhos, indo então toda aquella corrente, como agora vae só uma escaça parte d'ella, pelo valle de Carenque até ao lugar do mesmo nome; d'onde passando pelo sitio chamado *Quintellas* segue até ao portão que dá entrada á quinta de *Queluz* do lado do sul; e juntando-se ali com o rio *Chicola*, que nasce no casal da *Carregueira*, e banha as quintas do *Bomjardim*, e de *Bellas*, onde se une ao rio da *Castanheira*, que tem sua fonte no casal de *Broco*: e de *Queluz* vão todos estes rios n'uma só corrente por *Jamor*, d'onde ella toma o nome, a *Linda Velha*, *Linda Pastora*, *Valejas* e *Cruz Quebrada*, onde, junto ao forte, se mette no *Tejo*.

A segunda veia, tambem formada de varios ribeiros, tem sua origem em *Valle de Lobos*, d'onde cortando pelo *Casal da Matta*, pela *Jarda* que lhe empresta o nome, e pela *Aqualva* vae a *Bar-*

plas, e, a todos os outros respeitos, mais preciosas que as de que fiz menção, quanto é certo que o ramo da historia natural, a que aquelles dous homens scientificos se deram, e que a sociedade de que são membros tem por objecto, é um dos que ha trinta annos a esta parte, e seguindo os faroes de Cuvier e de Humboldt, tem feito maiores progressos. Sinto que a circumstancia de me chegarem tarde á mão aquellas memorias, a primeira das quaes tem por titulo *Siluria*, e a segunda, inserida nas *Transactions of the Geological Society of London*, intitulada *On the Geology of the neighbourhood Lisbon*, ambas impressas n'este anno, procedendo a ultima de uma viagem que o auctor fez, para este fim, a Portugal depois de 1832, me não permittam, bem como as pequenas dimensões do quadro que pinto, transcrever algumas passagens das bellas discripções que ali vêem das differentes pedras calcareas, e das varias especies de basalto, que formam o solo de que trato, e das diversas configurações com que aquelle marmore negro ali se apresenta, e outras muitas observações e conjecturas inteiramente novas, que ambos os escriptores, em referencia ao mesmo terreno, fazem ácerca das causas dos terremotos, e sobre outros effeitos da natureza.

carena, onde faz trabalhar a fabrica da polvora, e trocando a denominação que trazia pela d'este lugar, toma junto a *Lecia* para *Laveiras*, e vae desembocar no Tejo junto ao forte de S. Bruno em frente de *Caxias*. Finalmente o rio de *Algés* nasce n'um outeiro fronteiro ao lugar de *Monçanto*, e augmentado com as aguas, que recebe de um regato que brota por cima de *Outorella*, atravessa a quinta das *Romeiras*, e subjugado por uma ponte de pedra vae misturar suas aguas no Tejo perto do forte da *Conceição em Pedrouços*.

Finalmente, e para cabal desempenho da obrigação, que me impuz de dar uma descripção physica do territorio, em que estão situados o paço e quinta de *Queluz*, mencionarei uma gruta natural, que não longe d'ali se encontra nas vertentes do pequeno monte de *Suimo*, e a que a gente do paiz dá o nome de *Mina*, onde, como diz Cardoso no seu Dicionario, v. *Bellas*, o clarão de uma luz introduzida no interior da caverna lhe dá a apparencia de um rico salão forrado de finissimos galões de ouro. Tanto ali, como na proxima villa de *Bellas*, acham-se jacintos, granatas e outras pedras preciosas, de que está cravejada a custodia da ermida do *Bom-jardim*, pertencente ao sr. conde de *Redondo*. Acerca dos jacintos de *Bellas*, veja-se *Luiz Marinho, Fundação, Antiquidades, etc. de Lisboa*, liv. 1.º, cap. 6.º, pag. 23, e os auctores que ahí cita. Deve ver-se tambem a *Memoria Geognostica* do sr. barão de *Eschwege*, no tom. 2.º, part. 1.ª das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, pag. 262, com os additamentos e notas do sr. *Alex. Ant. Vandelli*, que vem no fim d'ella, a pag. 284 do mesmo tomo. Ahí diz este annotador: «E sem duvida, que os basaltos das visinhanças de *Bellas* contêm granatas,» o que já era conhecido pelo padre *Antonio de Vasconcellos*, *Descript. Regn. Lusit. tit. de lapidibus*, n.º 4, como refere *Luiz Marinho*. Vejam-se tambem os já citados naturalistas inglezes *Murchinson* e *Sharpe*. O celebre mineralogista *Renato Hauy*, que eu tive a fortuna de conhecer e tratar durante a minha primeira estada em França, possuia basaltos com granatas de *Bellas*, que lhe levou de Portugal o tambem celebre naturalista francez *Geoffroy de St. Hilaire*.

Diz-se que aquella chamada *Mina fóra*, bem como outras terras, e direitos em *Bellas*, propriedade da senhora *D. Brites*, mãe de el-rei *D. Manuel*; mas não foi d'ella que veiu a quinta de *Queluz* aos nossos principes.

(Continúa.)

MARQUEZ DE REZENDE.

UMA VOCAÇÃO.

ENTRE nós as letras e a poesia ainda não constituem uma profissão. Estimam-se, e ás vezes applaudem-se; mas não alcançaram ainda a protecção e o estímulo, que as anima e faz viver.

Estamos muito mais adiantados; lê-se já o triplo do que se lia; o gosto aperfeiçoa-se; porém achamo-nos por ora bastante longe d'aquelle desenvolvimento, que torna a vida litteraria uma carreira, independente e segura, como as melhores.

Em Portugal o auctor mais apreciado difficilmente poderia subsistir do trabalho da sua penna.

Esperemos que dentro em pouco succeda o contrario; por em quanto a gloria excede o proveito, e os elogios são mais do que os leitores!

E entretanto os engenhos elevados e as vocações sinceras não faltam!

Estabelecida a comparação com as nações cultas e populosas não nos vencem, como de repente poderia suppor-se.

A França dispõe de meios intellectuaes, com que só rivalisa a Allemanha; e a sua lingua quasi universal proporciona ás boas obras, e até ás mediocres, o mercado do mundo.

A convivencia, a polidez, e a crítica discreta conservadas pelo uso da sociedade e pela conversação espirituosa auxiliam as manifestações do talento; e as musas ligeiras sorriem a miudo na lyra das *Saphos* modernas.

O sexo mimoso não se contenta com o sceptro da formosura; reina tambem na provincia das letras; corregindo pela brandura natural e pelo tacto delicado as asperezas do estylo, e apurando as formas em que a arte molda os seus primores.

Se a idéa perde em vigor, ganha em agrado e em verdade. Os segredos do amor, as paixões íntimas, e a eloquencia dos sentimentos ternos, quem lhe leva a palma em as avivar? A côr fina e transparente; a negligencia elegante, toda graças; e a melancolia meiga e desaffectedada, que une uma lagrima a um sorriso, enlevam nas paginas de um livro, attrahem nos versos fugitivos de uma canção, repassando-se da seducção irresistivel que a belleza insinua em tudo.

Uma litteratura em que não entre, como elemento vivificante, esta inspiração, amena e sensivel, hade resentir-se necessariamente, sobresaíndo nas cousas serias e profundas, e errando a cada passo nas que tiram o effeito e o applauso da expressão exacta dos affectos e da interpretação da existencia interior em varios aspectos.

Esta condição, que nos faltava, e que suppria apenas o instincto de algum escriptor privilegiado, começa a ser menos rara.

Embora ainda, com recato demasiado cioso, se escondam da publicidade, ao menos hoje as senhoras cultivam as artes, e prezam-as, como consolação e recreio.

As suas leituras e os seus ensaios romperam aquelle circulo fatal, que partia de *Anna Radcliffe* e fechava em *Arlincourt*; e á medida que os costumes e o exito forem animando as tentativas ao principio timidas e balbuciantes, a sua esphera ha de alargar-se e os horisontes hão de descobrir-se.

O tempo é quem pode consumir esta revolução. Confiámos n'elle, e no impulso invencivel da civilisação, e acreditámos que não vem longe o dia, em que poderemos saudar a aurora de algum talento feminino, digno de competir com os de fóra.

A's margens do *Mondego*, nos logares encantados que viram os amores de *Ígnez*, e aonde a tradição não cessa de chorar o seu tragico desenlace; occulta entre os ramos dos bellos salgueiros debruçados sobre as aguas, encontra-se uma d'essas vocações, que para crescer e subir aonde lhe é licito alcançar, só carece de espaço e resolução.

A sr.ª *D. Maria Candida de Carvalho Coutinho de Vasconcellos* recebeu os dotes de coração e de intelligencia, com que as musas consagram os seus eleitos.

Entregue ás proprias reflexões, regrado os estudos mais pelo instincto, do que por direcção alheia, e formando o estylo e o gosto, separada de todos os auxilios, que os aperfeiçoam, conseguiu a sós consigo o que só o ingenho nobre alcança.

Ousámos affirmar que a sua prosa em graça desaffectedada, e em singeleza elegante não deslustra os modélos, que se propoz.

Em verso a suave melancolia, e o toque mimoso de alguns trechos, resgatam o que se desejaria de mais na correção de certas estrophes, e no acabado geral das peças.

A ninguém é permittido começar pelo fim; e a crítica imparcial o que tem a verificar não é a perfeição absoluta, que excede ás posses do labor humano, mas os rasgos e as qualidades, que o escriptor revela nos primeiros passos, e que são as promessas authenticas do seu talento.

A sr.^a D. Maria Candida Coutinho escreve por distracção, e não para apparecer; e por inclinação, e não por orgulho preza as artes. Como todos os que são favorecidos da poesia sente a sensibilidade transbordar, a alma abraçar-se, e a idéa vestir a forma, e voar do coração.

Os segredos que o habito ensina á composição, as gradações, que o auctor seguro do estylo e da lingua sabe introduzir, a reflexão e a lima, que o gosto mette de permeio entre o primeiro impeto e o ultimo molde, não se aprendem senão da crítica, do uso de escrever, e da lenta comparação de muitas obras primas.

Seria uma lisonja dizer que ella as possui; mas é uma verdade assegurar, que tem poderes para as obter.

Na escolha dos assumptos consiste a grande difficuldade dos que principiam a pizar a scena litteraria. Os mais elevados assustam, ameaçando com o precipicio; e os outros não chegam para o ardor e vehemencia da musa inexperiente.

O genero lyrico, offerecendo-se na apparencia como o mais facil, é o mais arduo na realidade para se tratar com novidade. Para o dominar precisa-se de ser senhor da forma, contendo o enthusiasmo e a paixão nos limites da verdade.

Não assegurámos, que as poesias, que vimos da sr.^a D. Maria Candida Coutinho o conseguissem sempre; mas entendemos, que persistindo, o'ha de conseguir. Admiramos trechos que promettem muito.

Publicaremos alguma ou algumas das suas poesias para darmos idéa do estylo; e fazemos votos para que seja estampado um romance intimo, que nos affiançam estar concluido, e merecer o mais sincero louvor.

Annunciando uma vocação que julgámos verdadeira, não exageramos o elogio, nem carregamos a critica. Guardamos a medida, que a justiça pede.

A lisonja é uma offensa ao legitimo talento. A severidade excessiva desalenta sem proveito.

L. A. REBELLO DA SILVA.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

XXI.

Estado do imperio ottomano no principio do anno de 1803: revolta em Adrianople, e suas consequencias: lucta de influencias estrangeiras em Constantinopla: prevalece a franceza: guerra da Russia e da Inglaterra contra a Turquia: mudança da politica ingleza para com o sultão: revolução militar e popular na capital.

O RESTABELECIMENTO da paz com a França deu pouco repouso á Turquia, pois que a lucta no exterior foi substituida pelas desordens e commoções intestinas. A Bulgaria e a Thracia, eram infestadas de numerosos bandos de malfeitos, que roubavam e devastavam as povoações. Em Belgrado tinham logar

horriveis scenas anarchicas. Os janisaros, que compunham a guarnição d'esta praça, irritados contra as reformas de Selim III, tinham-se insurreccionado, assassinando o governador, e commettendo na cidade toda a casta de crimes. No Epiro continuava a lucta com o pachá de Janina, declarando-se sempre a victoria pelo governador rebelde. Na Servia haviam as intrigas da Russia excitado Jorge Petrowitz a proclamar a independencia d'esta provincia.

Ao mesmo tempo que o sultão se achava a braços com tantos elementos de dissolução no interior, as relações exteriores iam tomando uma face desagradavel, que dava bastantes cuidados ao divan.

Apesar de ser passado mais de um anno depois que as tropas francezas evacuaram o solo do Egypto, achavam-se ainda occupados, pelas forças da Grã-Bretanha, Alexandria e outros pontos d'aquelle paiz. As evasivas com que o governo d'esta nação respondia ás reiteradas instancias do gabinete ottomano para a prompta saída das tropas inglezas do Egypto, causavam ciume e serios receios ao sultão. Posto que a sua auctoridade n'este paiz fosse quasi nominal, pois que os beys se haviam apoderado de toda a influencia e poder, Selim III não podia ver prolongar-se n'aquellas terras a occupação militar de uma nação tão poderosa como a Grã-Bretanha, e á qual tantas vantagens commerciaes proporcionava a posse de um territorio, que era a passagem natural da Europa para as Indias orientaes.

Voltando os olhos para as fronteiras o quadro não era mais lisonjeiro. A's fundadas queixas, que o governo turco apresentava contra a Russia pela parte que esta potencia tomára na sublevação da Servia, accresceram depois varios actos de hostilidade commettidos pelas tropas russianas contra as fronteiras da Turquia.

Tal era a situação do imperio ottomano nos principios do anno de 1803.

No mez de março d'esse anno o governo inglez, cedendo enfim ás vivas solicitações da Porta, mandou retirar as suas tropas do Egypto. O divan, aproveitando-se então do estado de abatimento em que as victorias de Bonaparte deixaram a intrepida milicia dos mamelukos, fez com que o governador atrahisse os beys mais influentes, parte á cidadella do Cairo, e parte a bordo da esquadra turca, e ahi os assassinasse barbaramente.

Pouco depois rebentou de novo a guerra entre a França e a Inglaterra. O sultão declarou que guardaria a mais stricta neutralidade; e para a sustentar procedeu a grandes armamentos navaes e terrestres.

A exaltação de Napoleão ao throno imperial da França, os seus triumphos na campanha que se seguiu a este grande acontecimento; e mais do que tudo a batalha de Austerlitz e a occupação de Vienna pelos exercitos francezes, produziram muita sensação em Constantinopla. E essa impressão, em que se confundiam os oppostos sentimentos de satisfação pelo abatimento do imperio d'Allemanha, e de terror pelo engrandecimento da França, e pela aproximação de um inimigo tão audaz, e tão poderoso, exerceu manifesta influencia na politica do gabinete ottomano, como ao diante se verá.

Entre as medidas de defeza empregadas por Selim III para se precaver contra todas as eventualidades, que se pudessem dar na extensa lucta, que se ateára na Europa, foi uma das principaes a organização de um exercito acampado junto aos muros de Adrianople, d'onde facilmente se podia dirigir a qualquer ponto da fronteira, que demandasse a sua presença. Querendo o sultão collocar esta força no

melhor pé possível, ordenou que a nova milícia, chamada *nizam djedid* (nova ordenança) instruída e formada á europea, formasse o nucleo d'esse exercito de observação. Mandou, além d'isso, que se procedesse a um recrutamento de mancebos até aos 25 annos de idade para augmentar as fileiras do *nizam*.

A publicação do decreto (*hatti cherif*), que continha estas providencias, acordou o ciúme dos janisarios, que adormecêra em quanto os corpos do *nizam djedid* estiveram acantonados nas provincias asiaticas, especie de desterro politico de que o governo se víra obrigado a lançar mão para contemporisar com as opposições que se levantaram no exercito e no povo contra aquella creação. A chegada pois a Adrianople dos commissarios encarregados de preparar alojamentos para o *nizam* foi o signal da revolta. O povo e os janisarios que ali se achavam, depois de terem espancado os commissarios, pegaram em armas, e correram para as muralhas resolidos a impedir a entrada da nova milícia na cidade. As auctoridades enviadas pelo sultão para apaziguar os revoltosos foram assassinadas, e as tropas mandadas para os constranger a entrar na obediencia, foram repellidas e destroçadas em dous encontros diferentes.

A resistencia tenaz dos amotinados causou nos janisarios de Constantinopla tão forte excitação, que o governo, vendo-se ameaçado de uma grande explosão na propria capital, teve de recorrer á brandura e á persuasão para desarmar uns, e acalmar outros. Foi mister para que a ordem se restabelecesse mandar regressar para a Asia os corpos do *nizam*; nomear grão-vizir o commandante dos janisarios; demittir e desterrar os ministros, e o mufti, apesar de ser quem se encarregou d'esta conciliação.

Assim se transtornaram os planos de reforma com que Selim III se propunha assegurar a existencia e futura independencia do imperio. Desde esse dia em que o restabelecimento da tranquillidade custou o sacrificio de uma transigencia entre o poder e a rebellião, o soberano perdeu todo o prestigio, e a sua auctoridade toda a força moral necessaria ao reformador.

Em meio d'estes successos chegou a Constantinopla o general Sebastiani na qualidade de embaixador de Napoleão I (6 de agosto de 1806). O distincto acolhimento com que foi recebido n'esta córte expoz claramente a todas as vistas as disposições favoraveis do sultão para com o imperador dos francezes. Esta distincção seria motivo bastante para despertar a ciosa attenção dos inimigos de Bonaparte, ainda quando o seu ministro não viera encarregado da missão secreta de obter de Selim III a declaração de guerra á Russia, e um tratado de alliança com o imperio francez. Começou por tanto desde esse momento uma lucta porfiosa e activa de influencias estranhas, que puzeram em acção todos os meios para persuadir ou coagir o sultão a proceder segundo os interesses de cada uma.

Triumphou Sebastiani de todas, conseguindo que Selim III demittisse os principes Ipsilanti e Morousi, hospodares da Moldavia e da Valachia, ambos protegidos pela Russia. Encarando o gabinete de S. Petersburgo esta demissão como uma infracção dos tratados, ordenou immediatamente a invasão d'aquellas duas provincias. A este acto de hostilidade seguiu-se a declaração de guerra da Turquia contra a Russia. Por esta occasião deu Selim III uma prova não equívoca da sinceridade com que promovia a civilisação do seu paiz. O embaixador russo foi mandado sair, e com effeito partiu sem soffrer o menor encommodo; caso novo nos annaes da Turquia,

onde a declaração de guerra era sempre precedida ou seguida do encarceramento dos embaixadores respectivos.

Ao mesmo tempo que as tropas russianas invadiam os principados danubianos, tratava a Inglaterra de fazer uma demonstração hostil contra a Turquia, e de tal modo arrojada que obrigasse o sultão a sacudir de si a influencia franceza para entrar na colligação contra a França, ou pelo menos para conservar a mais absoluta neutralidade durante essa grande lucta, que então abrazava toda a Europa.

Apresentou-se pois em frente dos Dardanellos uma forte esquadra ingleza; e poucos dias depois foi este estreito forçado apesar da resistencia das fortalezas que o defendiam. Uma parte da esquadra ottomana, que se achava estacionada em Gallipoli, foi em acto continuo destruida.

A noticia d'este duplo acontecimento levou o terror e a confusão ao seio do divan, que, reunido á pressa, aconselhou o soberano a annuir promptamente a todas as exigencias da Inglaterra.

Selim III não se achava menos assustado, e assim facilmente se resolveu a enviar uma pessoa de sua confiança para persuadir o embaixador francez a retirar-se quanto antes. Sebastiani, respondendo ao enviado que não sairia de Constantinopla sem uma intimação formal do gabinete ottomano, lançou o sultão e o divan nas maiores perplexidades.

A noticia da passagem dos Dardanellos pela esquadra ingleza tinha produzido no publico mui diversa impressão. Em vez de confusão e terror, havia excitado no povo e na tropa o mais vivo rancor contra os inglezes, e o maior enthusiasmo pela defeza do paiz.

O embaixador francez soube aproveitar-se d'esta disposição geral dos animos para mover o sultão em favor dos interesses da França. Resolveu-se pois no divan a resistencia, e começou-se logo com tanta actividade e fervor a levantar fortificações em frente da cidade e ao longo da costa, que no fim de cinco dias, quando a esquadra ingleza veio tomar posições diante de Constantinopla, achou esta capital defendida por mais de novecentas peças d'artilharia, além das que guarneciam dez naus de linha turcas dispostas para a melhor defeza da cidade.

O almirante inglez, depois de ter collocado a sua esquadra em ordem de batalha, enviou a terra um parlamentar portador de propostas já modificadas. As cousas porém tinham mudado inteiramente de face. O sultão lançára-se de todo nos braços da França; e por outro lado o estado de defeza da capital e o enthusiasmo com que a tropa e o povo corriam para as baterias tiravam ao almirante inglez toda a esperanza de bom resultado, quer nas negociações, quer no ataque. N'estas circumstancias, julgando imprudente a sua demora n'aquelle mar, fez-se de vela sem tentar cousa alguma. Na saída porém dos Dardanellos não foi tão feliz como o havia sido na entrada. A actividade que puzera Constantinopla a coberto dos seus ataques tinha-se estendido tambem até ás fortalezas, que defendem a entrada d'aquelle estreito. O fogo d'esses fortes metteu a pique duas corvetas, e fez grossa avaria em varias naus.

Para se vingar do mau successo d'esta empresa, ou antes para obter refens, que obrigassem o sultão a separar-se da alliança franceza, decidiu o gabinete britanico apoderar-se do Egypto. Não foi porém mais feliz n'esta segunda tentativa. As suas esquadras chegaram a tomar Alexandria; mas as tropas, que desembarcaram para occupar a cidade, em breve foram expulsas por forças egypcias vindas do Cairo (22 de agosto de 1807). Foi então que Selim III

declarou oficialmente guerra á Inglaterra, e que celebrou tratado de alliança com o imperador Napoleão.

O governo inglez, a quem esta alliança contrariava sobremaneira, tratou logo de mudar de politica, na esperança de conseguir pela brandura o que não pudera alcançar por meio da força. Portanto, em vez de acceitar a luva, que o sultão lhe lançava, mandou retirar as suas esquadras das costas da Syria, e do Archipelago, e tomou as necessarias medidas para que cessassem as hostilidades por parte da Grã-Bretanha.

Em quanto estas cousas se passavam, progredia a guerra da Russia com a Porta. Os principados do Danubio achavam-se inteiramente occupados pelos exercitos russianos, e os Dardanellos bloqueados por uma esquadra de vinte e duas velas da mesma nação.

Uma batalha naval, em que os dous contendores apregoaram victoria, mas na qual ambos ficaram muito mal tratados, desaffrontou o canal da presença do inimigo.

Causou este resultado bastante satisfação na capital, e animou o governo a promover com mais efficacia os meios de defeza contra a aggressão russiana. Ordenou-se um recrutamento geral; mandaram-se vir tropas das provincias asiaticas; e o grão-vizir Ibrahim-pachá partiu para Chumla, a fim de tomar o commando em chefe do exercito ottomano.

Posto que o sultão se absteve de mandar para o theatro da guerra os regimentos do *nizam djedid*, como desejaria, e convinha aos interesses do paiz, se não sôra o receio de conflictos, viu-se comtudo na precisão de os chamar para as margens do Bosphoro, onde lhes confiou a guarda de varios pontos importantes. Esta medida, que os grandes movimentos militares tinham feito indispensavel, provocou, ou para fallar com mais exactidão, forneceu o pretexto para uma revolução, que expulsou do throno a Selim III, e proscreeu todas as suas reformas.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.



SAPHO.

GERALMENTE menciona-se e celebra-se uma unica Sappho; porém, segundo o testemunho de Suidas e de Eliano, existiram duas poetisas d'este nome, uma e outra naturaes da ilha de Lesbos, a mais antiga e famosa de Eresia, coetanea de Stesicoro e Pitaco, e a moderna de Mitylene; porém as aventuras de

uma e outra confundiram-se formando a biographia de uma unica Sappho, á qual se attribue a invenção dos versos saphicos, e os amores com Faon.

A Sappho antiga era formosa e gentil, mereceu o nome de decima musa, e foi a inventora dos versos que se distinguem pelo seu nome. Escreveu nove livros de poesias, que são citadas com elogio por Strabão, Aristoteles, Socrates, Plutarcho, Dionisio de Halicarnasso e o rhetorico Longino, e das quaes todavia só nos restam um hymno a Venus e uma ode dirigida a uma amiga.

Estas circumstancias referem-se, a Sappho de Eresia: tudo o mais cremos que corresponde á de Mitylene, que foi contemporanea de Alceu, e floresceu 600 annos antes de Christo, na olympiada XLII. Ignora-se o nome de seu pae; sua mãe chamava-se Cleide. Aos seis annos ficou orphã com tres irmãos. Casou com Cercylo, homem abastado da ilha de Andros, do qual teve uma filha; enviuvando pouco depois enamorou-se de Faon, bello mancebo de Sicilia, que a abandonou voltando para esta ilha. Sappho vendo-se desprezada, e não podendo ser superior á sua afflicção, buscou-lhe remedio arrojando-se ao mar do alto do promontorio de Leucate, porque estava convencida de que os que logravam salvar-se d'aquella prova curavam-se de sua louca paixão; porém Sappho não teve esta fortuna, e pereceu na tentativa.

Os mitylenios cunharam em honra da sua Sappho uma medalha, que se vê reproduzida na nossa gravura, copiada da obra que o medico e philologo João Fabro publicou em 1606.

QUANTO CUSTAM OS LEÕES AOS HABITANTES DE ARGEL.

GERARD, celebre caçador de leões na florescente colonia franceza de Argel, fez, segundo assevera o *Magasin Pittoresque*, a estatistica seguinte dos prejuizos que os leões occasionam aos arabes na provincia de Constantina.

Um leão vive, termo medio, trinta e cinco annos; consome annualmente o valor de 6:000 francos. (960\$000 réis), em cavallos, mulas, bois, camellos, carneiros etc. Cada leão custa pois aos arabes 210:000 francos (33:600\$000 réis).

Os trinta leões que existem, actualmente na provincia de Constantina, e que serão substituidos por outros, vindos da regencia de Tunis ou de Marrocos, custam annualmente 180:000 francos (28:800\$000 réis). Nas provincias pois onde aquelles animaes vivem de ordinario o arabe, que pague 5 francos de imposto ao governo francez, paga 50 francos ao leão!

BIBLIOGRAPHIA.

Poesias de L. A. Palmeirim. 2.^a edição.
1 vol. 8.^o francez.

As obras do sr. Palmeirim, que é sem duvida um dos mais estimados e populares poetas portuguezes, impressas em 1851, tinham-se tornado raras, e eram procuradas com avidéz. A presente edição, augmentada com algumas poesias não encorporadas na primeira, vem pois satisfazer uma necessidade, que era já bastante sentida do publico.

Vendem-se por 600 réis, em Lisboa, na livraria do editor, A. J. F. Lopes, rua do Ouro, n.^{os} 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.^o 8: nas provincias, ultramar, e estrangeiro em casa dos correspondentes do *Panorama*.